

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAFAEL ROMEIRO DOIN

O CORPO, ESSE DESCONHECIDO

Sorocaba

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RAFAEL ROMEIRO DOIN

O CORPO, ESSE DESCONHECIDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título/grau de licenciado em Pedagogia.

Orientação: Prof.^a. Dr.^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi.

SOROCABA

2017

Doin, Rafael Romeiro

O corpo, esse desconhecido / Rafael Romeiro Doin --
2017.
48f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos
Lombardi

Banca Examinadora: Tânia Cristina Boy, Carmem Silva
Machado

Bibliografia

1. Autoimagem corporal. 2. Corpo e educação. 3.
Formação de professores. I. Doin, Rafael Romeiro. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAFAEL ROMEIRO DOIN

“O CORPO, ESSE DESCONHECIDO”

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciado no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da
Universidade Federal de São Carlos *Campus* de Sorocaba.**

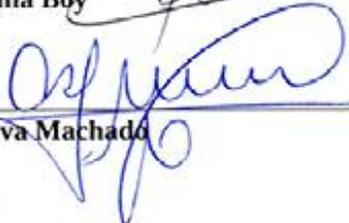
Sorocaba, 20 de dezembro de 2017.

Orientador(a): 

Profa. Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Examinador(a): 

Profa. Dra. Tania Cristina Boy

Examinador(a): 

Profa. Ma. Carmem Silva Machado

DEDICATÓRIA

A todos os corpos que existem e resistem.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a todos que contribuíram nessa jornada, essa escrita é resultado das vivências compartilhadas com tantas pessoas queridas e atenciosas. Mas não poderia deixar de fazer um agradecimento especial as minhas avós Maria Teresa e Irene que são exemplos de mulheres fortes, determinadas e que amam viver, ao meu avô Jonny que deixou um legado de amor, carinho e ternura esculpido nos corpos daqueles que o conhecem.

Agradeço também ao meu pai Sergio por acreditar nas pessoas e sempre trazer conversas calorosas sobre o mundo, assim como meu padrasto Marcelo que participou desse processo escutando atento aos meus dilemas sobre a pesquisa. Obrigado João, sua presença ao meu lado me ajudou a mergulhar nesse projeto.

Durante o processo de escrita, a música me ajudou a organizar as ideias e colocá-las no papel, por isso mesmo sem conhecê-lo gostaria de agradecer a Austin Wintory, que através de suas composições me afetou e fez transbordar emoções.

A graduação não seria a mesma sem três amigas que foram construídas durante esse processo, me sinto feliz e honrado por nossa amizade e sermos parceiros de profissão, muito obrigado Chayene, Beatriz e Daiane.

Lucia me acolheu na graduação já no meu primeiro ano, sua luz, afeto e profissionalismo me ensina a todos os dias como podemos ser corpos afetuosos dentro dos nossos espaços de trabalho e fora deles. Obrigado por acreditar nos meus sonhos e me ajudar a realizá-lo.

Sempre tive a sorte de ter em minha vida a presença de cachorros, que trouxeram muito amor, carinho e companheirismo, hoje o Lupi representa todos eles, obrigado pela sua companhia.

Tudo isso não aconteceria sem a presença de duas pessoas na minha existência, meu irmão Luiz Henrique e minha mãe Deborah. Luiz obrigado por acreditarem nos meus sonhos e estarem do meu lado ajudando a construí-los e vivendo a realização deles comigo. Sua força, determinação, sede de sabedoria, carinho, afeto, amizade, entre tantas outras me fazem acreditar e lutar por um mundo mais justo.

Não poderia terminar esses agradecimentos com outra pessoa se não a Deborah, conhecida também como minha mãe. Obrigado por me ensinar a amar o mundo e as pessoas

respeitando quem elas são, por acreditar em cada sonho que tive, pelas conversas, pelos abraços, por ser minha melhor amiga e simplesmente estar do meu lado. Você é minha inspiração.

Muito obrigado a todos que dedicaram seu tempo e atenção a essa leitura, juntos somos mais fortes.

DOIN, Rafael Romeiro. **O corpo, esse desconhecido**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2017.

RESUMO

O problema principal do presente estudo é investigar: como a autoimagem corporal é construída na escola? Para responder a esta questão, olhei para mim mesmo em um processo de gravação de vídeos e, dando continuidade, desenvolvi um projeto de pesquisa e este trabalho, que se configura como uma pesquisa bibliográfica e de caráter autobiográfico. O método autobiográfico se constituiu como uma dimensão formativa e, conjuntamente ao levantamento bibliográfico e à análise da literatura, levou aos seguintes eixos de reflexão: breve história do corpo; aspectos culturais e consumo; a linguagem corporal e a percepção de um corpo que fala; a corporeidade na vivência do professor.

Palavras-chave: Autoimagem corporal; Corpo e educação; Formação de professores; Identidade eu-corpo.

DOIN, Rafael Romeiro. **The body, that unknown.** 2017. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2017.

ABSTRACT

The main problem of the present study is to investigate: how is body self-image built in school? To answer this question, I looked at myself in a process of video recording and, following on, developed a research project and this work, which is configured in a bibliographical research and autobiographical character. The autobiographical method was constituted as a formative dimension and, together with the bibliographical survey and the literature analysis, led to the following axes of reflection: brief history of the body; cultural aspects and consumption; body language and the perception of a speaking body; the corporeality in the experience of the teacher.

Key-words: Body self-image; Body and education; Teacher education; I-body identity

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – SIBiUSP - Portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo.....	17
Tabela 2 – SciELO – Scientific Eletronic Library Online.....	19
Tabela 3 – Relação do número de artigos escolhidos por palavras-chave.....	21

Sumário

1. Introdução.....	12
2. Capítulo I. Memorial de formação: O Corpo e EU.....	14
3. Capítulo II. Metodologia.....	17
3.1 A pesquisa bibliográfica e autobiográfica.....	17
3.2 O levantamento Bibliográfico.....	18
4. Capítulo III. Histórico do gênero autobiográfico.....	23
4.1 A autobiografia como meio de investigação sobre o ser professor.....	23
5. Capítulo IV. Quadro Teórico e Análises da Construção da Autoimagem Corporal.....	26
5.1 Um breve histórico do corpo e sobre a corporeidade.....	26
5.1.1 Da dualidade à complexidade de um corpo em descoberta.....	26
5.1.2 O corpo manequim.....	28
5.1.3 A mente desprendida do corpo.....	28
5.1.4 O reflexo do corpo nas águas escolares.....	30
5.1.5 O corpo e a sua complexidade.....	31
5.2 Corporeidade e Educação.....	33
5.2.1 Relação entre cultura e consumo: corpo mercadoria.....	33
5.2.2 A percepção de um corpo que fala.....	36
5.2.3 O corpo e os espaços escolares.....	38
5.2.4 Corporeidade na vivência do professor.....	40
6. Considerações Finais.....	44
7. Referencias Bibliográficas.....	46

1. Introdução

Janeiro de 2017. Inserido no contexto da universidade e em contato intenso com duas colegas de curso, tive uma revelação repentina de duas coisas distintas. Primeiro, que eu estava vivendo em uma zona de conforto, rotineira, por caminhos já trilhados ou sabidos, sem desafios, sem o desconhecido. Além disso, percebi a intensidade de sofrimento das pessoas dentro da universidade, com altos níveis de estresse. Conversando com minha mãe sobre o caráter fortemente conservador e violento da realidade atual e sobre a falta de tempo, espaço e oportunidade que as pessoas têm de falar com alguém, trocar, ser ouvidas, tive a ideia de criar um canal no *Youtube* que me permitisse expressar alguns de meus pensamentos, meus sentimentos e meus valores sobre assunto gerais e estabelecer a possibilidade de troca/partilha, isto é, em resposta, receber de volta – de alguém – seus pensamentos, seus sentimentos e seus valores.

Imaginem só: quando comecei a assistir a mim mesmo naqueles vídeos, “me vi”! Ao me ver em gravações, me enxerguei pela primeira vez e tive surpresas. Olhar-me. Encontrar-me. Visitar-me. Vi meus gestos, minha voz, meu jeito. E o choque foi descobrir que eu não sabia como eu era aos 28 anos de idade.

Comecei a pensar o quanto construímos nossa imagem corporal a partir do olhar do outro, dos outros. Isso se dá desde o nascimento e permanece em nossas vidas escolares, por muito tempo, inclusive nos modos de ensinar e aprender.

Como afirma Mairesse (2004, p. 107) “o sujeito inicia seu processo de constituição subjetiva onde ainda não há consciência de si mesmo. É no encontro com o olhar do Outro que este faz a sua inserção no mundo das imagens.” A mesma autora relembra o conceito de “Estádio do Espelho”, que nos explica que o bebê quando nasce se vê a partir do olhar da mãe ou de quem o cuida – o Outro primordial –, funcionando como um espelho no qual o bebê se percebe e vai construindo a ideia de si mesmo, desde o desejo do outro, daquilo que o outro lhe diz que ele é: nunca se é visto a partir de seus próprios olhos.

Ao entrar na escola, a criança também é submetida a propostas que valorizam mais o olhar do outro sobre ela, do que a construção de sua identidade sendo feita com base no trânsito entre o eu e o outro, na flexibilidade de ser, às vezes, somente ela mesma e, outras vezes, ela na relação social. Isto é, ninguém se constitui como pessoa de forma isolada. Porém, pensei o quanto

as ações pedagógicas enfatizam opiniões alheias – a invasão – em detrimento da opinião própria que alguém pode ter sobre si mesmo e sobre as coisas.

Desta forma, este estudo nasceu, com o desejo de investigar sobre a construção da imagem corporal e as interferências dela na atuação docente, levantando a questão-problema: como a autoimagem corporal é construída na escola?

2. Capítulo I. Memorial de formação: O Corpo e EU

Nasci no ano de 1988, de cesárea, na cidade de São Paulo. Talvez tenha sido naquele momento que eu tenha começado a construir minha relação com o tema deste trabalho. Nasci de sete meses de gestação e uma luta pela sobrevivência estabeleceu-se em um contexto no qual o corpo frágil é considerado fraco, sujeito a, mais dia ou menos dia, perecer.

Não foi isso que aconteceu e hoje estou aqui refletindo sobre minhas experiências e tentando traçar de forma coesa minhas referências vividas sobre o tema abordado. Sempre fui uma criança envergonhada, porém minha mãe sempre me lembrou de como essa vergonha se desintegrava quando estávamos em algum bailinho de carnaval e eu era o primeiro a entrar na pista, dançando sem parar.

A vontade de me expressar acabou conduzindo-me a dois cursos que fiz quando tinha sete anos de idade, em um centro cultural. Um era relacionado à dança afro e o outro às artes plásticas. Foi no curso de artes plásticas que pela primeira vez vi meu corpo desenhado em seu tamanho original: até hoje lembro da sensação de estar deitado em cima do papel desenhando meu corpo, que naquela ocasião era todo colorido.

Preciso destacar aqui o papel da minha família na relação com a arte e a descoberta de um corpo. Tive uma infância muito saudável, com meu pai e minha mãe buscando proporcionar uma vida tranquila para que eu pudesse explorar o mundo em que vivia.

A arte sempre foi uma companheira e me lembro nitidamente de quando minha mãe levava a mim e a meu irmão para assistir musicais, peças de teatro, visitar exposições e fazer oficinas. Entretanto, sempre fui muito tímido e passei por minha adolescência adormecido em reflexões e questionamentos internos. Aos dezoito anos me vi pensando em cursos de ensino superior. Mesmo não sabendo bem o que queria fazer, uma coisa eu tinha certeza: a arte estaria comigo na jornada.

Segundo momento na minha vida: morando já na cidade de Sorocaba, que fez meu corpo agir e reagir de forma consciente, comecei a fazer cursos relacionados à arte para tentar encontrar a mim mesmo nesse universo tão vasto que ela apresenta. Entre cursos de fotografia, figurinista, desenho, vídeo, me descobri no circo e, conseqüentemente, no teatro.

Durante os anos em que fiz circo e teatro aprendi a não me julgar e olhar para dentro de mim, ver que ali existia uma pessoa que tinha potencialidades, que não precisava ter medo de se

relacionar. O circo me fez perceber um corpo que eu não sabia que existia, cheio de movimentos, força, carinho, vida. Já o teatro me ensinou que não precisamos ter medo do outro, que nosso corpo fala através dos gestos e do olhar.

Assim fui me construindo. Aos dezoito anos resolvi fazer o curso de Design Gráfico, pois era a melhor opção que teria na cidade que contemplasse minha necessidade atrelada à arte. Naquele momento ainda não pensava em me aventurar como educador.

Durante o curso tive que sair tanto do teatro como do circo, devido aos horários e demandas da faculdade. Chego ao terceiro momento da minha vida: comecei a fazer aula de dança para não perder a ligação com a arte que tanto buscava.

Esse marco é muito importante pois foi através da dança que, anos depois, já formado, fui convidado para dar aula de dança em um projeto da prefeitura de Sorocaba – a Oficina do Saber – no qual as escolas recebiam os alunos no período integral, tendo o contra turno pautado por aulas de dança, teatro, arte, xadrez, judô, entre outras. Foi uma experiência de suma importância para minha formação como ser humano. Durante os quatro anos e meio que dei aula nesse projeto, eu percebi que precisava cursar Pedagogia e entender as relações entre a arte e a educação dentro da formação docente e nos espaços escolares

Quando ingressei na universidade, no meu primeiro ano, conheci a professora que anos depois seria minha orientadora. Na ocasião fui fazer um minicurso ministrado por ela sobre performance e ali percebi o quanto meu corpo, mesmo fazendo anos de dança, teatro e circo estava domesticado. Olhando para esses momentos de minha vida, percebo que durante o tempo como estudante, dando aula e dançando, meu corpo acabou se tornando mecânico e não tinha vivências corporais que me levassem a refletir sobre e agir por meio do meu corpo: eu estava vivendo no automático.

Comecei a perceber que as artes tinham pouco espaço dentro do curso de formação de professores, apesar de sua importância, e que eu só teria disciplinas que tratavam desse tema a partir do terceiro ano, em “Educação, Corpo e Movimento” e “Metodologia do Ensino de Arte”. Assim como na minha primeira graduação, fui tomado pelas demandas acadêmicas e me distanciando dos motivos que me fizeram entrar para a Pedagogia.

Durante os cinco anos na universidade busquei viver a vida acadêmica de forma efetiva, sendo representante de classe, participando das reuniões de conselho, indo a debates realizados pelos movimentos sociais e me relacionando com pessoas do meu curso e dos demais.

Interessante perceber como a nossa rotina diária vai nos afastando de ter possibilidades de relação com a arte. Nos dois momentos em que vivi a universidade, a rotina corrida me afastou dela e, conseqüentemente, do processo de autoconhecimento. Penso que precisamos persistir e resistir se queremos pensar e viver de forma saudável.

Foi assim que me percebi no quinto ano da graduação, cheio de dúvidas e questionamentos sobre o modelo acadêmico e sobre como as relações poderiam ser tóxicas. Em conversa com duas amigas do curso e posteriormente com minha mãe resolvi criar um canal no Youtube que me permitisse expressar alguns de meus pensamentos, meus sentimentos e meus valores sobre assuntos gerais e estabelecer a possibilidade de troca/partilha, isto é, em resposta, receber de volta – de alguém – seus pensamentos, seus sentimentos e seus valores.

O pontapé inicial que me trouxe ao presente texto foram os vídeos, pois ao me assistir, no momento em que editava o primeiro vídeo, percebi uma pessoa com gestos, falas e ações que eu não conhecia. Comecei a questionar minhas vivências como aluno, estagiário e professor e senti que dentro da escola não passamos por experiências que nos levam a nos conhecer.

Muitas vezes percebemos certas características nossas através do olhar do outro, que em sua maioria são apontadas de forma negativas e pejorativas. Quando isto aconteceu dentro da escola na minha presença, observei um professor fazer uma roda de conversa e pedir aos colegas para apontarem características positivas sobre o amigo, para deixá-lo feliz. Este tipo de ocorrência me fez pensar o quanto as relações dentro da escola maquam nossa relação com o corpo, não proporcionando um espaço de autoconhecimento.

Minhas vivências e pensamentos principais, que procurei aqui narrar, me levaram a buscar entender como se dá o processo de construção da identidade eu-corpo e da autoimagem corporal em articulação com os espaços escolares, bem como imaginar sobre como podemos melhorar nossas práticas docentes a fim de contribuir com os espaços que o corpo precisa.

3. Capítulo II. Metodologia

Nesse capítulo é apresentado o método de pesquisa autobiográfico e uma descrição de como foi realizado o levantamento bibliográfico para a construção dessa pesquisa, que teve como objetivo relacionar aspectos vividos por mim e as contribuições teóricas trazidas pelos artigos selecionados.

3.1 A pesquisa bibliográfica e autobiográfica

O presente trabalho se caracteriza por uma pesquisa bibliográfica de caráter autobiográfico que busca aprofundar as compreensões sobre o tema estudado. Uma pesquisa de abordagem qualitativa pode ser classificada como “Pesquisa Bibliográfica” quando ela busca suas fontes de informação em artigos, livros, dissertações, teses, etc, analisando este material, comparando seus conteúdos, confrontando resultados e chegando a compreensões mais ampliadas do tema estudado. Malheiros (2011) explica que a pesquisa bibliográfica é por si só um tipo de pesquisa e que não se deve confundir este termo com “referencial teórico”, que é parte obrigatória de toda pesquisa. O que se chama “Levantamento Bibliográfico” (ou “revisão de literatura” ou “revisão bibliográfica”) é o procedimento metodológico utilizado para se formar o referencial teórico do trabalho.

De modo combinado a esse processo, foi desenvolvido o método autobiográfico, que de acordo com Soares (2010, p. 3) é “atrelado ao estudo de documentos pessoais narrados ou escritos e que inclui cartas, biografias, autobiografias, diários e necrológicos. É marcado por uma característica: explora a relação entre a experiência social e o caráter pessoal.” No método autobiográfico analisamos de forma crítica e reflexiva nossas histórias, entendendo que ela faz parte de vivências sociais e culturais, e com isso vamos trilhando um caminho em busca do autoconhecimento que nos proporciona uma reconstrução da nossa formação. De acordo com Cunha e Mendes (2010, p. 7):

[...]reconhecer a importância da história de vida profissional é uma grande contribuição do método autobiográfico, pois através das narrativas orais ou escritas, estas podem corroborar no processo de formação de professor, pois refletir sobre o que se fala ou sobre o que se escreve é uma dimensão formativa considerada na contemporaneidade.

Durante o processo de reflexão e construção do conhecimento, o sujeito é visto de forma ativa, trazendo suas vivências e as atrelando ao referencial teórico escolhido, e cria uma obra repleta de significado e força, pois ele se enxerga nessa construção como sujeito histórico.

3.2 O levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico foi realizado buscando as informações iniciais sobre o tema nas seguintes plataformas digitais: Portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP) e no portal da Scientific Electronic Library Online (SciELO). Em ambos os sites foi selecionada somente a opção de artigos acadêmicos referentes às palavras-chave.

Tive como base na busca inicial os descritores “corporeidade” e “imagem corporal e docência”. A partir das leituras dos artigos inicialmente encontrados, foram modificadas as palavras-chave e utilizadas as seguintes: corpo, educação e pedagogia; corpo sensível; corpo-psyque; corporeidade; cultura, corpo e educação.

Nas tabelas a seguir estão os resultados da pesquisa em cada plataforma com as palavras-chave e a seleção dos artigos.

Tabela 01 - SIBiUSP

SIBiUSP - Portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas p/ a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Corporeidade	176	08	Hadlich De Oliveira, Josiana. O ser no mundo e seu agir. Revista de Filosofia, 2012, Vol.19(31), p.99-118 ANARUNA, Silvia Marina. A Representação do Corpo na Escola: Um Estudo de sua Evolução nos Três Níveis Escolares. SCHON, Carmem Regina. Sociedade, corpo e relação subjetiva.

			<p>ISENE, Cristiane Terezinha; STRIEDER, Roque. Criação De Sensibilidade Para Se Reconhecer E Cuidar Como Corporeidade.</p> <p>SALEM, Pedro; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Corporeidade e ação nos processos de formação do eu.</p> <p>SILVA, Ariane Franco Lopes. Corporeidade e representações sociais: agir e pensar a docência.</p> <p>MASCIOLI, Suselaine Ap. Zaniolo. A corporeidade infantil edificada por tempos e espaços escolares.</p> <p>MACHADO, Renato Ferreira. Humanidade, saúde e crise de corporeidade na pós-modernidade.</p>
corpo and educação and pedagogia	254	02	<p>NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. Linguagem e cultura subsídios para uma reflexão sobre a educação do corpo.</p> <p>VAZ, Alexandre Fernandes. Aspectos, Contradições E Mal-Entendidos Da Educação Do Corpo E A Infância</p>
corpo and educação and cultura	1019	02	<p>AHLERT, Alвори. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade.</p> <p>EHRENBERG, Mônica Caldas. A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil.</p>
corpo and psique	68	02	<p>PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser.</p> <p>VIZEU CAMARGO, Brigido; JUSTO, Ana Maria; JODELET, Denise. Normas. Representações sociais e praticas corporais. (Report)</p>
corpo sensível	75	0	

Analisando a tabela, é possível verificar um número grande de resultados para cada palavras-chave ou combinação de palavras-chave, porém ao serem acessados por meio da leitura do título e do resumo, a grande maioria demonstrava não contemplar o problema do trabalho. De forma geral poucos foram os artigos que buscavam fazer uma leitura sobre a corporeidade no ambiente escolar e foram encontrados mais artigos com um enfoque psicológico.

Tabela 02 – SciELO

SciELO - Scientific Electronic Library Online			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas p/ a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Corporeidade	91	10	<p>CAETANO, Patrícia de Lima. Pistas somáticas para um estudo da corporeidade: uma aprendizagem das sensações.</p> <p>RESENDE, Catarina et al. Que lugar para a corporeidade no cenário dos saberes e práticas psis</p> <p>GAYA, Adroaldo. A reinvenção dos corpos: por uma pedagogia da complexidade.</p> <p>AMORIM, Kátia de Souza. Processos de significação no primeiro ano de vida.</p> <p>BORBA, Mário Pereira; HENNIGEN, Inês. Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade.</p> <p>SILVA, Ariane Franco Lopes da. Corporeidade e representações sociais: agir e pensar a docência.</p> <p>BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo.</p> <p>MARTINS, Ernesto Candeias. A corporeidade na aprendizagem escolar (Entrelaços fenomenológicos do pensar e agir).</p>

			<p>GONCALVES-SILVA, Luiza Lana et al. Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral.</p> <p>ARAUJO, Miguel Almir Lima de. Os sentidos da sensibilidade e sua fruição no fenômeno do educar.</p>
corpo and educação and pedagogia	36	02	<p>ARAUJO, Miguel Almir Lima de. Os sentidos da sensibilidade e sua fruição no fenômeno do educar.</p> <p>NOBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo.</p>
corpo and educação and cultura	58	05	<p>RODRIGUEZ, Raumar; VAZ, Alexandre Fernandez. Saber do corpo, do político e da política: notas sobre indivíduo e sujeito.</p> <p>BUSS-SIMAO, Márcia et al. Corpo e infância: natureza e cultura em confronto.</p> <p>RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandes. Educar e cuidar do corpo: biopolítica no atendimento à pequena infância.</p> <p>PEREIRA, Lucia Helena Pena. Corpo e psique: da dissociação à unificação - algumas implicações na prática pedagógica.</p> <p>NOBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo.</p>
corpo and psique	16	03	<p>AULAGNIER, Piera. Nascimento de um corpo, origem de uma história.</p> <p>CROCHIK, José Leon. A corporificação da psique.</p> <p>PEREIRA, Lucia Helena Pena. Corpo e psique: da dissociação à unificação - algumas implicações na prática pedagógica.</p>
corpo sensível and espaço escolar	55	01	<p>ZANELLA, Andrisa Kemel; PERES, Lúcia Maria Vaz. No entrecruzamento de linguagens...: a arte e o corpo para pensar a educação e a formação do humano.</p>

Na segunda tabela podemos perceber que houve menos resultados encontrados em relação a algumas palavras-chave, porém foi obtido um maior número de artigos relacionados à pesquisa. Ficamos assim com as seguintes quantidades de artigos em cada plataforma:

Tabela 03 – Relação do número de artigos escolhidos por palavras-chave

Palavra-chave	SIBiUSP	SciELO	Total
Corporeidade	08	10	18
Corpo and educação and pedagogia	02	02	04
Corpo and educação and cultura	02	05	07
Corpo and psique	02	03	05
Corpo and sensível	0	01	01

A terceira tabela mostra que os resultados relacionados ao corpo tiveram poucas produções. O maior índice de artigos escolhidos está relacionado à corporeidade, porém a grande maioria desses artigos não contemplam o tema dentro dos espaços educacionais.

Após a seleção dos artigos, foi feita a leitura de cada um deles e, por meio de seus fichamentos, pude categorizar seis eixos correspondentes: história do corpo; aspectos culturais; relação de corpo com consumo; a linguagem corporal; corporeidade; psique e relação desses aspectos na educação. Os temas descobertos auxiliaram na construção de uma linha histórica que leva a compreender o corpo dentro da nossa sociedade e sua relação com os espaços escolares.

4. Capítulo III. Histórico do gênero autobiográfico

Quando consideramos o método autobiográfico como uma possibilidade real de se fazer pesquisa científica, não só estamos propondo um novo olhar para a forma de pesquisar, como estamos nos colocando contra uma concepção de metodologia que defende a ideia de um pesquisador neutro e que não se relaciona com o objeto estudado. Como agir de forma neutra quando se trata de pesquisas que têm como foco a relação entre os sujeitos? E quando essa relação tem como eixo espaços escolares e o pesquisador é um educador, como não afetar e ser afetado pela pesquisa? Tentando buscar soluções para essas e outras indagações, a autobiografia traz uma perspectiva possível.

4.1 A autobiografia como meio de investigação sobre o ser professor

A autobiografia ganha força dentro do cenário educacional brasileiro no final da Ditadura Civil Militar. De acordo com Câmara (2012, p. 24) “entre os anos 1970 e 1980, recuperou-se a história de vida como prática de pesquisa-ação-formação com o propósito de levar aquele que escreve a estabelecer relações entre trajetória individual e a sua formação.”

No centro da relação está o pesquisador-educador, que possui subjetividades e participa de forma ativa durante esse processo. Segundo Cunha e Mendes (2010, p. 2), trazer à tona aspectos referentes à formação da pessoa “favorece a colocação do sujeito em lugar de destaque tornando-o um ator principal e autônomo nas questões relacionadas às suas aprendizagens.”

O educador é considerado um sujeito ativo, que carrega uma história e se relaciona com ela. Ele também durante esse processo faz um exercício de reflexão usando suas experiências, que podem ser tanto pessoais como profissionais, como base durante esse diálogo dialético. Soares (2010, p. 2) afirma que:

[...]o professor encontra-se num cenário em que é pertinente refletir sobre si, como profissional e como pessoa, dado que são dimensões inseparáveis. Diante desse contexto, compreende-se que as autobiografias podem auxiliar na identificação dos novos sentidos que os professores atribuem ao seu pensar, fazer e sentir.

Importante ressaltar o papel do sujeito nessa metodologia, pois ele não é visto como neutro, mas sim pertencente a uma sociedade, se expressando culturalmente. Nessa perspectiva

seus atos são carregados de significados e poder olhar para eles e refletir de forma crítica para elas aponta para um sujeito em constante formação.

Esse processo se inicia através do resgate das memórias que vamos adquirindo em nosso convívio social, tornando-se assim, narrativas. A partir das ideias Cunha e Mendes (2010, p. 5) essa “narrativa vem sendo muito valorizada em pesquisas em educação, que usam a história de vida para reconhecer os fatores que influenciam a formação do professor.” Ainda Soares (2010, p. 7) complementa que:

[...]ato de narrar a própria história através do texto escrito, possibilita ao sujeito organizar sua narrativa num constante diálogo interior a partir dos momentos de formação e de conhecimentos; pois o sujeito põe em evidência os recursos experienciais acumulados e transformações identitárias que construiu ao longo da vida.

Cunha e Mendes (2010, p. 3) acrescentam que:

A narrativa é considerada, nesse contexto, como um tipo de pesquisa que tem um caráter de investigação-formação. Especificamente as biografias educativas, pois nos levam ao campo subjetivo e ao mesmo tempo concreto, em virtude dos textos narrativos, das representações sobre o processo ensino-aprendizagem, identidade profissional, os ciclos de vida e as situações do contexto escolar.

Esse processo narrativo que é trazido pela autobiografia ganha forma pelos memoriais, que se configuram em um formato de texto em que o sujeito conta sua história relacionando os aspectos vividos que o levaram até aquele momento. Cunha e Mendes (2010, p. 7) esclarecem:

[...]o memorial é um texto em que o autor faz um relato de sua própria vida procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importante, ou interessante, no âmbito de sua existência. É um texto que relata fatos memoráveis, importantes para aquele que produz, é o registro do que o autor considera essencial para si mesmo e que supõe ser essencial também para os seus leitores.

De acordo com Câmara (2012, p. 34) as narrativas escritas ganham significados pois são “elementos de (auto)constituição dos professores, pois eles se posicionam diante deles a partir de situações de apropriação, de ressignificação ou de reinvenção.” O caminho traçado pela autobiografia utilizando as memórias como narrativas, contribui não só com o professor pesquisador, mas também com toda a comunidade científica, pois quando registramos todas essas

vivências deixamos arquivados momentos, fatos históricos que podem ser revisitados por outros sujeitos, pois ali se encontram modelos, visões de mundo.

Com isso, vamos nos revisitando nossas histórias, em um processo de aprendizagem dialético, buscando nos compreender como sujeitos históricos, exercendo práticas que invertam essa concepção de sociedade que valoriza a individualização e o conhecimento para poucos.

5. Capítulo IV. Quadro Teórico e Análises da Construção da Autoimagem Corporal

Quando comecei a pesquisa que tinha como base refletir sobre a autoimagem corporal não imaginava que o caminho me levaria a questões tão profundas em relação ao corpo. Durante as leituras alguns questionamentos começaram a me acompanhar e trilhar uma outra história.

Como falar sobre corporeidade e autoimagem corporal sem questionar antes sobre como a sociedade enxerga o corpo? Como esse corpo é construído? O que nos influencia nessa jornada? O que constitui nossa identidade eu-corpo? Buscar responder a essas questões e tentar entender sobre a história da percepção e da construção do corpo na sociedade ocidental se tornou primordial para mim, pois compreendendo a história que guia padrões e referências para o coletivo, eu poderia pensar melhor sobre o corpo individual e sobre as relações entre sujeitos e sociedade, entendendo que essa relação coletiva e individual faz parte de uma mesma espiral.

Este capítulo traz apontamentos sobre a história do corpo a partir do século XVIII, buscando refletir e compreender sobre a corporeidade e como ela se faz presente na relação entre os sujeitos que se encontram na escola.

5.1 Um breve histórico do corpo e sobre a corporeidade

Durante a fase de levantamento bibliográfico, percebi que antes de falar sobre a autoimagem corporal, teria que fazer um recorte histórico para entender como a sociedade ocidental foi construindo o que hoje entendemos como corpo e, assim, compreender como ele é visto e estudado dentro da escola.

5.1.1 Da dualidade à complexidade de um corpo em descoberta

Quando nos debruçamos sobre os períodos históricos da humanidade e estudamos sobre suas contribuições e características no desenvolvimento da sociedade podemos traçar uma linha paralela que nos leva a refletir sobre nossa visão sobre o corpo.¹

¹ No presente texto analiso a visão sobre o corpo baseado na cultura ocidental que tem suas próprias características e subjetividades, diferente de como o oriente se relaciona com o mesmo tema.

Autores como Nóbrega (2005), Ahlert (2011), Aulagnier (1999), Neira e Nunes (2007), Gonçalves-Silva et al (2016), Pereira e Bonfim (2006), Pereira (2008) e Buss-Simao et al (2010) revelam em seus estudos como em cada momento histórico o corpo foi passando por transformações. Porém, trago o Iluminismo como ponto crucial, pois se percebe até hoje como essa visão influencia a maneira como nos relacionamos com o corpo.

Nessa perspectiva, Neira e Nunes (2007) apontam o século XVIII como um importante momento que influencia até hoje a relação que a sociedade tem com o corpo, até em seu modo de relação com o outro, como também em como o próprio corpo é estudado na sociedade. Há um marco histórico muito importante durante essa época que foi a consolidação do Iluminismo, que trazia uma nova visão de mundo, buscando se desvencilhar dos dogmas da igreja católica e apresentando uma nova forma de relação pautada na razão.

A partir das ideias de Nobrega (2005), o Iluminismo está diretamente ligado ao desenvolvimento da burguesia e foi difundido pelos espaços que tinham voz para ditar as formas de se pensar academicamente, que concomitantemente acabaram influenciando a maneira de enxergar o mundo e a sociedade daquela época.

Nesse processo, Pereira (2008, p. 156) afirma que em nossa cultura “a supervalorização da razão como uma forma de nos distinguir dos outros animais, desvaloriza as emoções.” Nesta visão o corpo é posto de lado, sendo considerado uma máquina. De acordo com Pereira e Bonfim (2006, p. 50) “as questões do corpo têm sido vividas e explicitadas como corpo/máquina, ou seja, como instrumento funcional e operacional, e não como um ser no mundo, como experiência vivida, como lugar de encontro.” Já a mente ganha seu protagonismo como a detentora do pensamento racional.

Mais uma vez corpo é separado de sua integralidade e fragmentado, assim como em outras áreas de conhecimento que segundo Nobrega (2005, p. 603) adotaram uma “compreensão cartesiana das regras necessárias para se chegar ao conhecimento verdadeiro.”

Com essa separação do conhecimento, as diferentes áreas com suas especificidades começam a pensar e buscar formas de se entender o homem, porém de forma isolada e fragmentada. Gonçalves-Silva et al (2016, p. 186) aponta que durante a história “o corpo foi subjugado à condição inferior a partir do momento em que se divide o ser humano em duas partes: ‘mente e corpo’.”

Percebemos essa separação nos estudos das ciências biológicas e humanas, tendo como método a visão cartesiana, acreditando que ela leva a um conhecimento mais preciso. Assim, as ciências biológicas ficaram encarregadas de estudar o corpo tendo como foco a fisiologia, e a psicologia, ao representar as ciências humanas, se debruçou sobre o estudo da psique.

5.1.2 O corpo manequim

Em nossa sociedade atrelamos os cuidados de nossa vida muito mais ao corpo do que a mente. Ainda possuímos uma visão prioritariamente fisiológica sobre o nosso corpo, pensando na contraparte externa dele quando nos preocupamos com a estética ou na contraparte interna, quando precisamos ir ao médico.

O conhecimento que hoje temos sobre nosso corpo fisiológico é de grande importância, já que inúmeras são as vidas salvas através dos estudos neste campo, além do que a perspectiva de vida só aumenta. No entanto, não podemos esquecer, como menciona Vizeu Camargo (2010), que nosso corpo não é somente orgânico e sim um resultado de momentos coletivos e individuais. A qualidade de vida do sujeito e de seu corpo não está somente ligada aos aspectos do corpo físico e precisamos ter essa consciência; o corpo não é uma máquina na qual só precisamos apertar o parafuso certo e tudo voltará ao normal.

Contrariando a visão dualista do corpo, Barros (2005, p. 551) aponta que o “corpo é, antes de tudo, nosso primeiro e maior mistério. Para estarmos realmente presentes no mundo, é preciso reconhecer que somos um corpo em sua imensidão de complexos processos que nos fazem ricos em sua consciência e inconsciência desconcertantes e pragmáticas e em suas atitudes.”

5.1.3 A mente despreendida do corpo

Paralelamente ao estudo do corpo fisiológico, temos a Psicologia buscando estudar o ser humano e os caminhos de construção de sua mente, a psique, trazendo apontamentos sobre como ela interfere nas relações dos sujeitos com o meio em que vivem.

Peixoto Junior (2008) e Aulagnier (1999) afirmam que é no primeiro ano de vida em que o bebê irá desenvolver de forma efetiva sua psique e as pessoas que fazem parte da sua vida têm um papel muito importante. A psique vai se configurando através da relação que o bebê tem

primordialmente com a mãe, e através do olhar da mãe ele começa a perceber e se envolver emocionalmente com o meio em que está inserido.

Para Aulagnier (1999, p. 24) “Na maioria dos casos é a mãe que se encarrega desta dupla função e, conjuntamente, deverá organizar e modificar seu próprio espaço psíquico, de maneira a corresponder às exigências da psique e do infans.”

Podemos dizer que a construção da psique da mãe, as emoções afetivas que ela criou ao longo de sua vida, irão agora se relacionar e influenciar na construção da psique de seu filho. Mas essa influência não é determinante, Aulagnier (1999, p. 21) aponta que o “futuro desta relação não só é variável de sujeito para sujeito, mas deve permanecer modificável em cada sujeito, conforme as experiências com as quais o confrontam”, ao longo de sua vida ele também irá se construir e reconstruir, temos assim uma relação espiral.

Embora fique evidente que precisamos buscar uma relação saudável entre a mãe e o bebê nessa primeira fase da psique, não podemos deixar de observar a que cada dia mais os bebês são inseridos na sociedade e convivem cada vez mais cedo com pessoas que não fazem parte de sua família nuclear. Entrando cada vez mais cedo em espaços escolares, ficando sobre o cuidado de cuidadores ou pessoas ligadas à família durante boa parte do dia, todas essas relações também atuam diretamente e influenciam na construção da psique.

Não é só a mãe e a família nuclear do bebê que afetam essa relação, mas toda uma sociedade que precisa respeitar a primeira infância, encarando-o como sujeitos ativos dentro das nossas dinâmicas sociais.

Em relação à dinâmica entre psique e corpo, Pereira (2008, p. 157) relata que “atuar na psique do ser humano implica reverberações no seu corpo, e atuar no corpo implica reverberações na psique, ou seja, atuar no corpo ou na psique significa atuar no ser humano como um todo.” Assim precisamos percorrer um caminho que busque a união dos dois e não sua dualidade.

Enquanto fazia minhas leituras sobre a construção da psique uma questão não me saía da cabeça: como teremos uma elaboração saudável da psique na primeira infância, a partir do momento em que ela é diretamente influenciada pela mãe que, como mulher, precisa criar e recriar uma psique em uma sociedade que não a dá o direito ao seu próprio corpo?

No momento não tenho respostas para tal indagação, porém acredito que seja necessário pensar sobre isso se queremos viver em uma sociedade que busca um olhar mais humano nas relações entre os sujeitos.

Voltando para a questão entre corpo e mente, Pereira (2008, p. 155) afirma que vários “Pesquisadores e estudiosos de áreas diferenciadas, nas últimas décadas, se unem na confirmação de que corpo e mente constituem uma totalidade”. Temos dentro das ciências humanas autores como Gaya (2006), Barros (2005), Schons (2015), Nobrega (2005), Pereira (2008), Ehrenberg (2014), Pereira e Bonfim (2006), Crochik (2000), que vão se desvencilhando das amarras do passado, começando a pensar maneiras para entrelaçar os conhecimentos adquiridos de forma fragmentada e apontam um novo olhar de estudo para o corpo, tentando assim buscar e compreender sua complexidade. Nobrega (2005, p. 607) afirma:

A mente não é uma entidade “des-situada”, desencarnada ou um computador, também a mente não está em alguma parte do corpo, ela é o próprio corpo. Essa unidade implica que as tradicionais concepções representacionistas se enganam ao colocar a mente como uma entidade interior, haja vista que a estrutura mental é inseparável da estrutura do corpo.

Com isso, temos um avanço considerável no sentido de admitir que o corpo não é só fisiológico, mas um resultado de fatores internos e externos que são expressados através daquilo que enxergamos como corpo.

Hoje podemos trazer essas contribuições buscando uma nova forma de enxergar o corpo. Em vez de fragmentá-lo, podemos pensar em sua complexidade. Para compreender as nuances que constituem o corpo precisamos contar com as contribuições de diversas áreas do conhecimento, cada uma em sua importância e singularidade. Compreendendo assim que somos humanos constituídos de “corpo e alma, natureza e cultura” (GAYA, 2006, p. 268).

5.1.4 O reflexo do corpo nas águas escolares

A visão dualista do corpo, que separa o corpo como desenvolvimento motor e biológico da mente como a parte cognitiva e intelectual, influenciou e influencia até hoje os espaços escolares. Autores como Ahert (2011), Richter e Vaz (2010), Nobrega (2005), Pereira e Bonfim (2006), Anaruma (1994) e Gaya (2006) trazem em suas obras apontamentos de como essa separação influenciou a concepção dos espaços escolares.

Paralelamente, a escola que também compõem os espaços culturais e sociais da sociedade, foi criando espaços que dividiam os dois e acabou reforçando ainda mais essa visão

cartesiana do conhecimento e conseqüentemente do corpo. O corpo na escola também é deixado de lado e segundo Gaya (2006, p. 253) “nosso ensino tradicional é prioritariamente razão.” Podemos perceber isso quando paramos para pensar na quantidade de aulas voltados para o corpo e no número voltado para a mente, sem contar que as aulas voltadas para o corpo são em sua maioria das vezes voltadas para o controle.

Levando em consideração essa realidade, Pereira e Bonfim (2006, p. 59) apontam que “Muitas vezes a própria escola privilegia apenas os saberes racionais; e o corpo, a emoção, a sensibilidade dos alunos são simplesmente desconsiderados no processo de ensino-aprendizagem”, nesse ensino tradicional o aluno é visto como sujeito que não possui conhecimento, a escola está ali para depositar os ensinamentos em uma mente vazia.

Além desses conteúdos fragmentados e distantes do aluno, de acordo com Anaruma (1994, p. 4) a escola se torna um espaço de discriminação que:

[...]pode ser visto na própria divisão do saber em disciplinas, na discriminação que se faz entre disciplinas de cunho teórico e de cunho prático e na distância que existe entre a sala de aula e a realidade do aluno. Sem contar que são poucas as escolas que estão preocupadas com a quantidade de horas que o aluno fica na sala de aula, numa mesma posição, tentando concentrar-se em conteúdos muitas vezes difíceis e importantes. Com isso, parece que o corpo vai sendo disciplinado á passividade.

Assim, Richter e Vaz (2010, p. 119) acrescentam que os “corpos infantis são ainda hoje conduzidos ao interior de instituições, as creches e núcleos de educação infantil, ambientes que contribuirão e contribuem para a aprendizagem do autocontrole e da autoconservação física.”

Podemos perceber alguns movimentos dentro da escola com esse viés cartesiano: o aluno como um ser vazio, a razão sendo considerada a única detentora do conhecimento e um ambiente que leva cada vez mais ao aprisionamento e a falta de consciência corporal dos alunos. Toda essa construção acaba criando sujeitos passivos que são educados a acreditar que as coisas acontecem de forma natural e não podem ser mudadas.

Porém, Ahlert (2011, p. 10) aponta que devemos superar essa herança século XVIII para termos de fato “uma educação emancipadora, realizadora da busca do ser mais ser humano, uma educação libertadora, desveladora da realidade de opressão e exclusão demanda outra compreensão de corpo, muito mais larga e inclusiva.”

5.1.5 O corpo e a sua complexidade

Em um movimento contrário à dualidade, é pensada uma nova maneira de se enxergar o corpo historicamente. Autores como Ahlert (2011), Pereira e Bonfim (2006), Mascioli (2012), Martins (2015), Amorim (2012) e Resende (2017) trazem o conceito corporeidade, iluminando a complexidade do corpo.

A corporeidade é o corpo em carne viva, corpo pleno intensivo que equivoca as dualidades sujeito-objeto, dentro-fora, corpo-psiquismo, e que abre o corpo ao seu aspecto imaterial, invisível, porém sensível, vibrátil e por isso mesmo capaz de fazer estremecer a forma, dando passagem aos fluxos da vida na constituição material-imaterial de um corpo em movimento-mundo. (RESENDE et al., 2017, p. 94)

Contribuindo com a explicação do conceito Ahlert (2011, p. 4) esclarece:

[...]etimologia do termo nos diz que corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta, e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo. É a maneira como o ser humano se diz de si mesmo e se relaciona com o mundo com seu corpo enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (espírito, alma) num contexto de inseparabilidade.

Podemos perceber que o corpo ganha sua forma e passa a ser sujeito ativo e primordial da relação com o outro e o meio ambiente em que vive, sem corpo não existe relação e consequentemente não existe mundo. Para Pereira e Bonfim (2006, p. 51) temos “como corporeidade a expressão de totalidade do ser humano enquanto ser vivo, parte da criação e da natureza, em que corpo, razão, emoções, sensações e sentimentos encontram-se em sintonia. Este conceito surgiu para apresentar o sujeito como unidade complexa.” Nesta concepção todos os aspectos humanos ganham voz, responsabilidades e são vistos como elementos essenciais.

Os sujeitos dentro dessa perspectiva não são discriminados por suas idades, raça, etnia, gênero ou classe social, segundo Mascioli (2012, p. 156) “Todo indivíduo, criança ou adulto, é capaz de sentir e utilizar o corpo como ferramenta de manifestação e interação com o mundo, conhecendo seus detalhes, possibilidades e limites. Esta capacidade corporal construída ao longo da vida é denominada de corporeidade.” E podemos pensar em um corpo que vai além do que hoje consideramos corpo, uma relação com o espaço diferente daquela que nos é colocada.

A corporeidade se faz no tensionamento gravitacional entre a terra e o céu, entre a matéria e o imaterial do corpo. Tensão que faz ver o invisível, que mostra quanto de carne há na pele, o quanto de não organismo há na organização de um corpo, que faz ver

a sombra na luz e que arrasta a consciência de si não como reflexividade-espelho, mas como corte de um espelho sem azougue. (RESENDE et al., 2017, p. 93)

Podemos nos perceber dentro dessa perspectiva e iniciar uma luta por aquilo que é nosso por direito, mas que foi sendo quebrado e fragmentado. Nos deparamos com uma sociedade que se apropria de nossos corpos para depois nos vendê-lo de volta.

Antes de pensarmos sobre a importância de trazer a consciência sobre a corporeidade aos espaços escolares, precisamos compreender em quais instâncias ainda somos levados a viver, em uma sociedade que não a contempla e acaba pautando nossas relações com uma autoimagem distorcida. A maneira como nos vemos e nos relacionamos com o outro está ligada às formas pelas quais vivemos. Sendo a escola parte da sociedade, tem um papel muito importante de reforçar ou não aquilo que é dito, sentido e visto.

5.2 Corporeidade e Educação

A escola e os sujeitos que ali se encontram fazem parte de uma sociedade que possui sua cultura, essa se utiliza de vários meios entre eles a mídia social, o consumo e a própria escola para manter certos padrões. E são esses meios que vamos analisar para assim compreender aspectos que influenciam nossa autoimagem corporal, nesse caso pensando nos sujeitos que se relacionam nos espaços escolares.

5.2.1 Relação entre cultura e consumo: corpo mercadoria

Quando falamos que a cultura dentro da sociedade em que vivemos, que é construída por nós, está ligada à maneira como nos percebemos e percebemos o outro, estamos falando de vários aspectos dentro dessa cultura que vão traçando um caminho invisível em nossa jornada.

Esse caminho atualmente está muito conectado com a maneira de se enxergar o mundo na ordem neoliberal, que vende uma imagem de sucesso pessoal baseada no esforço individual do sujeito, essa visão se apropria da cultura e transforma ela em uma grande aliada que vai se infiltrando de forma quase despercebida ditando regras e visões sobre o mundo que muitas vezes quando paramos para pensar de onde vieram não sabemos a resposta de imediato.

Essa forma de se relacionar está ligada, segundo Zanella e Peres (2017, p. 111), “a formação das memórias do indivíduo está associada a experiências não vividas diretamente, mas transmitidas de geração para geração por intermédio do grupo familiar e social que integra. Isto é, uma memória decorrente de um processo grupal/coletivo.”

Essas memórias adquiridas de geração a geração dentro de um espaço social vão se codificando como a cultura daquele local. Com isso vamos percebendo que nossa vida é pautada por uma cultura que muitas vezes foi pensada e criada para vender um determinado estilo de vida dentro da sociedade em que estamos inseridos.

A partir do momento em que vivemos em sociedade e construímos durante esse processo a cultura, que influencia a forma como nos relacionamos, podemos refletir e observar em como essa cultura se torna predominante e qual o papel do corpo dentro dela.

Neira e Nunes (2007, p. 7) apontam para a forma como a cultura afeta nosso corpo, “por nascer, viver e relacionar-se em contextos históricos e culturais específicos, o corpo é depositário da cultura da qual participa.” Porém, a relação entre cultura e forma de ver o corpo acontece em espaços sociais que, segundo Vizeu Camargo (2010, p. 456), são de extrema importância para reforçar certas condutas e separar aqueles que são merecedores, “o meio social, de alguma forma estabelece padrões corporais e verifica se o indivíduo se enquadra nestes padrões.”

Assim, Neira e Nunes (2007, p. 4) afirmam que “Partindo do pressuposto de que todo homem é um ser cultural, portanto, possuidor de cultura, e de que todo comportamento humano, por mais próximo às suas necessidades fisiológicas que seja, se relaciona com a cultura, conclui-se que os comportamentos corporais são, antes de tudo, culturais.”

Podemos perceber o quão importante se torna o corpo, pois ele tem o papel de ajudar a manter ou romper com aquilo que está posto na sociedade. E é a partir dessa afirmação que podemos olhar para a maneira em que a sociedade se relaciona com esse corpo, que na maioria das vezes é visto como produto de consumo. A objetificação do corpo influencia a maneira de nos enxergarmos, quando damos a um acessório externo o poder de nos transformar em pessoas mais ou menos poderosas, felizes, inteligentes.

Segundo Richter e Vaz (2010, p. 122) vivemos de forma que a “qualidade de vida “pode” ser adquirida na compra de uma casa, de um creme facial, na prática regular de atividades físicas, no consumo de determinados produtos alimentícios, na aquisição de um plano de saúde.” Sempre olhando para fora e não para dentro.

Além de sermos levados a nos perceber através de ornamentos criados e recriados pelo mercado, também somos bombardeados com informações que nos fazem acreditar que nosso corpo não é saudável e precisamos sempre nos modificar e estar em busca do corpo considerado saudável e esteticamente bonito. Sobre isso Borba e Hennigen (2015, p. 250) afirmam que:

[...]produtos, diagnósticos, estéticas, entre as inúmeras verdades disponíveis sobre o corpo, propõem que cada um atente para as demandas de seu corpo, e se responsabilize por elas, a partir do que está colocado como necessidades no mercado global; ainda, que também experimente nisso um cuidado de si voltado à ampliação do prazer, que está, muitas vezes, relacionado à segurança ontológica em vista da coerência e aceitabilidade social. A partir disso, convergem demandas por vezes cruzadas e contraditórias do consumo, nas fronteiras entre saúde, bem-estar, prazer e beleza.

O consumo em nossa cultura tem como aliado a indústria cultural, que reforma através das mídias sociais sua visão de corpo pautada na estética e na saúde. Vizeu Camargo et. al. (2010, p. 450) revelam que o corpo é “considerado pela mídia como um produto, o corpo é associado a padrões estéticos rígidos e medidas precisas, que enfatizam o magro, o jovem e o branco.”

Além desse padrão relacionado ao corpo, outro aspecto deve ser considerado, já mencionado neste trabalho: o corpo não se configura somente do aspecto físico, mas também de todos os aspectos envolvem a constituição da identidade, como os pensamentos, valores, sentimentos, influências culturais. Esta dimensão não é deixada de lado pelos meios de comunicação, que segundo Pereira e Bonfim (2006, p. 62), “encarregam-se de criar desejos e reforçar imagens padronizando os corpos. Olhares voltam-se ao corpo na contemporaneidade, sendo moldados por atividades físicas, cirurgias plásticas e tecnologias estéticas.”

As demandas trazidas pelas mídias estão a todo momento tentando nos influenciar, de acordo com Nobrega (2005, p. 611) temos hoje “uma grande exposição do corpo, incentivando o consumo e atuando sobre os desejos do ser humano.” O corpo é visto e percebido pela grande maioria da população somente com um olhar de consumo e com isso passamos a buscar um corpo perfeito que segundo Pereira e Bonfim (2006) “tem sido uma das maiores preocupações das pessoas, que esquecem que existem outras instâncias a serem observadas e que um corpo bonito e padronizado pela mídia nem sempre é sinônimo de bem-estar.”

A falsa saúde que nos é vendida através das mídias sociais faz com que comecemos uma corrida em busca de algo que muitas vezes não é realmente o saudável. Para tentar entrar nesse padrão social e cultural muitas pessoas se submetem a cirurgias estéticas e métodos de

emagrecimento que as levam a correr risco de vida e as vezes adquirindo doenças como anorexia e bulimia. Martins (2015, p. 168) afirma:

Na sociedade atual, imbuída pela lógica de mercado, da mundialização e globalização, impôs-se o padrão de corpo ‘perfeito’, atlético, desenvolvendo hábitos e comportamentos que perseguem a ‘beleza física’, muito ajudado pela publicidade e mídia, em que o valor dado ao corpo se relaciona como uma mercancia, que deve ser cuidada.

Atrelar pessoas magras à saúde de uma forma genérica e puramente estética, acaba influenciando de forma negativa no sentido de se venerar a magreza. Ao longo do tempo, essas informações acabam se tornando verdades, até chegarmos a um momento histórico em que socialmente uma pessoa gorda é vista como alguém que não se cuida e tem uma saúde debilitada, podemos chamar esses atos preconceituosos de gordofobia.

Em seu estudo Vizeu Camargo (2010) mostra que as pessoas não buscam ficar magras pelo aspecto saudável e sim pela estética, pois a maioria dos entrevistados que estão com seu índice de massa corpórea compatível ainda se enxergam gordos e fora de forma. E Borba e Hennigen (2015, p. 251) complementa que as pessoas nessa sociedade que visa o corpo como consumo procuram “mais do que corpos saudáveis, são corpos desenhados, quiçá impossíveis; híbridos.”

A gordofobia não é o único veneno que vamos alimentando e velando dentro da sociedade, mas o racismo, o machismo, a transfobia, todos eles são alimentados quando vivemos estabelecendo padrões para um corpo que, na verdade, deve ser livre para se descobrir e viver.

Todos esses aspectos vão nos influenciando e direcionando a maneira com que nos relacionamos ou não com o nosso corpo. Parece que nunca podemos ficar satisfeitos com o nosso corpo, pois a cada momento aparece algo que aponta para falhas e mudanças que precisamos obter, para assim ter a felicidade dos sonhos que nos é vendida.

5.2.2 A percepção de um corpo que fala

O ser humano se utiliza da linguagem para se comunicar e é através da linguagem corporal que nossos corpos se relacionam com a sociedade ditando ou não os padrões estabelecidos, Ehrenberg (2014, p. 186) aponta as diversas formas de linguagem “de

comunicação e expressão, tais como a pintura, o poema, a escultura, bem como todos os elementos da cultura corporal.”

Porém iremos trazer aqui a linguagem corporal como foco de estudo, pois é ela que nosso corpo utiliza para se comunicar, a linguagem escrita e verbal também é importante, mas quando falamos sobre consumo é através da linguagem corporal que nos comunicamos primeiro.

[...] corpo se comunica pela gestualidade. Tornar-se humano significa inserir-se nas convenções sociais partilhadas pela linguagem. Sendo o gesto uma linguagem, então ele é também um signo. Toda linguagem possui um repertório, uma seleção dos signos que vão compô-la, bem como as regras de combinação. (EHRENBERG, 2014, p. 187)

Também não podemos esquecer que essa linguagem assim como a verbal tem suas subjetividades, assim como a cultura, em cada espaço social. Segundo Ehrenberg (2014, p. 187) devemos “reconhecer que o corpo é o suporte de uma linguagem e nele se manifesta a cultura em que se está inserido.” Essa relação também é pautada por uma disputa de poder entre os grupos que segundo Neira e Nunes (2007, p. 11):

[...]representações produzidas pelos grupos que se encontram em posições privilegiadas no tecido social, ao contarem com maior força de significação (poder), são apresentadas como verdades “universais”, o que implica na atribuição de um valor menor às representações delas distintas, comumente produzidas por grupos desprivilegiados.

Através dessa relação de poder Schons (2015, p. 182) lembra que a linguagem corporal também possui “manifestação de ideologia. Disso se pode afirmar que o seu atravessamento pelo jogo de forças permite desdobramentos de discursos-imagens, constituindo memórias e produzindo silenciamentos.”

Não é só na linguagem verbal que precisamos prestar atenção. A linguagem corporal tem o papel de expressar tudo aquilo que vivemos por meio da cultura na qual estamos inseridos. Caso não tenhamos consciência dela, vamos falando através do nosso corpo coisas que muitas vezes não percebemos. Pois no “movimento dos corpos, podemos fazer a leitura, com lentes sensíveis, dos aspectos visíveis e invisíveis do Ser, do conhecimento e da cultura.” (NOBREGA, 2005, p. 609)

Precisamos olhar-nos, perceber nossos gestos, a forma pela qual nos expressamos. Quando olhamos para dentro e fora de nós de forma crítica podemos nos ver e assim tentar mudar certas atitudes que ajudam a perpetuar essa visão conturbada.

Pereira (2008, p. 164) aponta para a importância do autoconhecimento considerando “que conhecer a si mesmo é o primeiro passo para adquirir recursos para lidar com as próprias dificuldades. Olhar mais para si e para o corpo significa abrir-se para o outro também e entrar em contato com possibilidades de ação e de transformação individual e coletiva.”

Esse processo não é algo que acontece da noite para o dia, no meu caso demorou 29 anos para começar a dar espaço para sentir meu corpo e sua comunicação, mas quando entramos em contato com esse conhecimento percebemos o quanto é libertador conhecer e se comunicar com seu corpo.

Trazer essa perspectiva para os espaços escolares é primordial quando pensamos em uma escola que trabalha de forma crítica e emancipadora, buscando a humanização dos sujeitos. Não teremos mentes críticas e emancipadoras sem olharmos para nós mesmos e compreendermos quem somos. Corpo e mente são um só, ambos fazem parte de um corpo complexo que foi sendo fragmentado e sofrendo dualidades durante sua história.

5.2.3 O corpo e os espaços escolares

Como educador em constante formação, me considero no dever de pensar sobre o corpo em sua integralidade dentro e fora dos espaços escolares. Entender a construção cultural e as formas pelas quais a sociedade se relaciona com o corpo – que acaba contribuindo na forma em que os sujeitos se comunicam – nos faz pensar em como essa dinâmica afeta o espaço escolar e as relações entre os sujeitos envolvidos, nesse caso o foco nos alunos e professor.

A escola é constituída pelas relações entre os sujeitos, corpos que através de sua corporeidade estão em constante troca, em um espaço criado e utilizado por eles. Temos que pontuar que “todo e qualquer espaço poderia ser utilizado para que as crianças explorassem as práticas corporais.” (EHRENBERG, 2014, p. 191). Contudo essa narrativa busca pensar em como no espaço escolar podemos buscar formas para essa relação acontecer, em um ambiente que respeite todos os sujeitos envolvendo, buscando junto o autoconhecimento.

Segundo Gaya (2006, p. 251) “É necessário reivindicar o lugar dos corpos na escola. É a reinvenção dos corpos.” Essa questão é de importância extrema quando buscamos nos apropriar de nossos corpos como sujeitos críticos e ativos dentro da sociedade.

Porem Martins (2015, p. 175) ressalta que “pensar o corpo na educação e na escola implica compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, já que as produções humanas (ler, escrever, contar, narrar, brincar, jogar, etc.) só são possíveis por sermos ‘corpo’.” Em relação a esse ponto, Nobrega (2005 p. 610) acrescenta que “Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais.”

Ao longo do tempo fomos levados a acreditar que somos simplesmente uma peça dentro da sociedade, sendo o corpo que determina quais peças estão em jogo. Na verdade, o corpo já está dentro dos espaços escolares, porém amordaçado.

Os espaços escolares, segundo Mascioli (2012, p. 156), “podem afirmar ou negar saberes e culturas e estimular ou restringir as diferentes formas de linguagens, expressividades e interações das quais o corpo humano é dotado.” E dentro dessa relação o autor ainda aponta que “a escola não apenas educa intelectualmente as crianças, mas também forma seus valores e, em especial, os valores que constroem sobre si mesmas.”

Em relação ao espaço escolar Ehrenberg (2014) contribui dizendo que quanto maior a relação da criança com os espaços que se configuram dentro da escola, maior é o desenvolvimento da percepção corporal dela.

Levando em consideração os apontamentos sobre a escola tradicional, percebemos que muitas vezes os alunos utilizam os espaços escolares de forma mecânica e pontual, onde nos momentos da sala de aula é desenvolvida a mente, corpo parado e inerte, e fora da sala o corpo ganha movimento através da educação física e intervalo.

Dentro desses espaços precisamos refletir e analisar a sala de aula em que os alunos estão inseridos, é nesse espaço que se dá a relação entre professor e aluno, é um espaço de muitas potencialidades. Segundo Pereira (2008, p. 160) a “sala de aula, entre outros ambientes vitais e sociais, da mesma forma que pode ser um espaço que dá maior consistência ao encorajamento, pode ser também um local para a flexibilização das couraças e reequilíbrio do fluxo energético do ser humano.”

Buscando a emancipação de nossos corpos percebemos a importância em ter um espaço saudável. Pensando em como esse corpo pode se desenvolver nesse espaço, Pereira e Bonfim (2006, p. 55) observam que esse pensamento tem que levar em consideração corpos que:

[...]brincam, estudam, correm, saltam, escrevem, trabalham, choram, riem e em tantas outras formas de manifestação que o corpo pode ter. Um corpo ativo no espaço que ocupa, que se comunica com os outros corpos ao seu redor e interage com eles, um corpo expressivo, alegre, que busca novas possibilidades e novos caminhos para reencantar a prática educativa.

Devemos pensar em práticas que tenham significados para os alunos, pois nossos corpos se constroem na relação dialética sociocultural. Em relação a isso Ahlert (2011, p. 12) afirma que as “experiências corporais vivenciadas na sala de aula devem alcançar o cotidiano dos alunos, da escola e das famílias.” Isto porque, o processo de reestruturação da percepção da nossa corporeidade possui momentos de tensão e precisamos estar preparados para ele, segundo Vaz (2003, p. 4) “é nos espaços onde o corpo se expõe com mais clareza que se abre a possibilidade da expressão mais nítida da violência corporal e dos preconceitos.”

5.2.4 Corporeidade na vivência do professor

Quando empreendemos processos de autoconhecimento, lidamos com feridas que ao longo de nossas vidas a sociedade foi criando em nossos corpos. No momento em que começamos a ter a consciência de nossa corporeidade nos deparamos com feridas e muitas vezes precisamos abri-las para nos encontramos em nossa essência. E é aí a importância de uma relação saudável entre professores e alunos, pois é através dessa relação que o professor poderá mediar nesse momento tão emblemático.

Como já foi explanado o corpo se comunica não só através da escrita e oratória, mas também através de gestos. Assim a linguagem corporal na relação entre professor e aluno é de extrema importância, pois é ela que transmite o nosso inconsciente.

O cenário da cultura escolar, repleto de ritos e signos que compõem as linguagens verbais e não verbais, veicula valores que se expressam tanto pelo corpo do professor como pelo corpo da criança/ aluno. Dessa maneira, o corpo do professor pode (consciente ou inconscientemente) até em silêncio, impor regras, normas de conduta e atitudes, julgadas por ele como corretas e desejáveis. (MASCIONI, 2012, p. 158)

Precisamos cada vez mais nos enxergar como sujeitos com corporeidade para pautar essas relações, de maneira a potencializar o sujeito, e não diminuí-lo. Para Anaruma (1994, p. 8) a “repressão do corpo está diretamente relacionada com a autoridade do professor”, temos que pensar que esse professor também teve seu corpo domesticado e está reproduzindo aquilo que foi

ensinado. Enquanto não discutimos sobre a corporeidade iremos contribuir para que se perpetue esse aprisionamento do corpo. Precisamos de espaços que levem o educador a se questionar sobre o tema, segundo Pereira (2008, p. 164):

Não podemos dissociar a singularidade da pessoa do educador, sua história de vida e sua atuação profissional. São fios que tecem uma totalidade. Sua formação profissional, os rituais acadêmicos vividos, suas transformações pessoais, a aquisição de novos saberes irão enriquecendo a trama desse tecido que se constrói ao longo de sua vida.

Nessa perspectiva o educador deve sempre buscar compreender e analisar suas relações com o outro e o ambiente em que está inserido.

[...]torna-se fundamental aos adultos conhecer e reconhecer a infância, bem como conhecer a si mesmos, pois construímos a infância e os conceitos sobre a infância com base em nossas imagens culturais predominantes, muito arraigadas nos estudos baseados na herança da natureza, combinados com os resíduos de nossas próprias infâncias. (BUSS-SIMAO et al., 2010, p. 161)

Toda construção e reconstrução que o professor faz sobre seus atos dentro e fora da escola irão de forma orgânica transformar os espaços escolares que ele está inserido. O espaço é constituído por corpos, tendo isso em mente não são os espaços que devem mudar e sim a forma que nós, sujeitos constituídos pela corporeidade, nos enxergamos e configuramos esse espaço. Assim, poderemos buscar nossa maneira de nos relacionarmos em que alunos e professores busquem juntos se conhecer e reconhecer dentro da sociedade. Buss-Simão (2010, p. 158) afirma:

[...]educadores alinhados com propostas político-pedagógicas emancipatórias necessitam manter constante vigilância política e epistêmica sobre suas ações. Exercitar, com perseverança e sensibilidade, uma profunda reflexão em torno das questões que atravessam as diferenças de classe, de gênero, de etnia, de nacionalidade, de religião e de geração.

Pensando nessa nova forma de se relacionar, podemos pensar em como a corporeidade poderá de forma efetiva contribuir com as relações entre os sujeitos. Os estudos que criam a ponte entre a corporeidade e os espaços escolares ainda são poucos, porém acredito que toda essa narrativa construída até o momento me faz perceber o quanto precisamos estudar e refletir sobre esses temas. Ao entrelaçá-las podemos buscar formas que visem quebrar com essa dicotomia entre corpo e alma que foi colocada e absorvida nos espaços sociais.

Pereira e Bonfim (2006, p. 46) afirmam que ao “buscar nos estudos da corporeidade a ressignificação das ações corpóreas no espaço escolar significa reconstruir conceitos e vivências do corpo, ampliando as possibilidades de professores e alunos no diálogo com o mundo, permitindo várias descobertas a partir de sua própria experimentação.” Já pensando nos espaços escolares Martins (2015, p. 175) observa que:

[...]a corporeidade constitui-se nas seguintes dimensões educativas: física (estrutura orgânico-biofísica e motora); emocional-afetiva (instinto, pulsão, afeto); mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, consciência); e sociocultural e histórica (valores, hábitos, sentidos, etc.). Parece, assim, definir-se como uma complexa dinâmica de auto-organização de uma corporeidade viva, baseada no conhecimento ‘do’ e ‘sobre’ o corpo.

Portanto, trazer uma nova visão para o cotidiano escolar implica em realizar uma série de reformulações nos espaços, pois neles o corpo ganha vida, se move, se expressa, se comunica. Para Gonçalves-Silva et al. (2016, p. 205) a “aprendizagem pautada na vivência da corporeidade está ligada à incorporação (tornar corpo), às vivências de experiências que me auxiliem a compreender o mundo.”

Essas vivências segundo o mesmo só podem acontecer quando entendemos e estudamos todas as nuances da nossa totalidade. “Corporeidade significa caminhar na busca de uma educação que realce a afirmação de que o ser humano “não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação”. (GONCALVES-SILVA et al. 2016, p. 190).

Nesta perspectiva, podemos também repensar a maneira com que se configuram as disciplinas com o conhecimento pautado de forma fragmentada. Segundo Gonçalves-Silva et al. (2016, p. 198) “O corpo visto como corporeidade não se aprisiona em uma área exclusiva de conhecimento, assim não deve remeter-se à Educação Física, manual ou ainda profissional, havendo a necessidade de entrar em contato, dialogar com todas as áreas.”

Pereira (2008) e Zanella e Peres (2017), em seus trabalhos, trazem a importância das disciplinas de Arte e Educação Física terem um olhar crítico para compreender essas questões dentro da escola. Quando trazemos a corporeidade para o chão escolar não podemos mais uma vez separar o corpo em determinadas disciplinas, precisamos pensar de forma transversal, abraçando disciplinas e comunidade escolar.

Dentro dessa perspectiva Silva (2011, p. 623) pontua que “Seria interessante, portanto, conceber práticas formativas de professores onde a relação professor-aluno fosse trabalhada em diferentes situações e contextos e que a expressão corporal fosse considerada como um universo especial onde essa interação ocorre.” Mediante esses apontamentos, compreendemos que quando falamos sobre corpo, estamos falando sobre nós, seres humanos constituídos pela corporeidade. Com isso, percebemos que sociedade, cultura, consumo, linguagem e escola só existem e se configuram através desse corpo enxergado em sua complexidade.

A partir dessa compreensão do corpo, podemos pensar em maneiras de trazer a corporeidade para o debate dentro e fora dos espaços escolares em busca de nos tornarmos aquilo que somos em potência, para assim olharmos para nossas relações de forma crítica e dialética.

6. Considerações Finais

A partir do momento em que iniciei essa jornada, buscando compreender a relação da autoimagem no processo de ensino aprendizagem, não imaginava que a trajetória mudaria a minha percepção e relação com o corpo.

Ao me deparar com as leituras realizadas, fui levado a percorrer uma história que não só dialogava com meu corpo, mas com os corpos que estão postos nos espaços sociais. Esta trajetória é marcada de chagas que fazem a cada dia que passa não olharmos para aquilo que nos configura como sujeitos, o nosso corpo.

Porém, a partir do momento que conhecemos as heranças do passado, podemos pensar e refletir sobre como no presente e, conseqüentemente no futuro, mudar essa relação, que até hoje, na maioria das vezes, se configura de forma cartesiana. Durante essa busca, de forma orgânica, cheguei até a corporeidade e percebi que não adiantava só conhecer e estudar a história do corpo em nossa sociedade e nos espaços escolares. Ao estudar sobre a corporeidade fui apresentado a um novo corpo, corpo que sou eu, mas que não sabia que existia até aquele momento.

Sem esse corpo não existe sociedade e por meio da relação dele com os demais corpos que são configuradas a cultura, as relações, os sentidos, sentimentos, consumo, preconceito, discriminações, emoções, o espaço, o olhar para o outro e para si mesmo.

Precisamos despertar para a dimensão da corporeidade pois, enquanto agirmos de forma adormecida vamos construindo, inconscientemente, uma visão de mundo pautada no individualismo, que não respeita a diversidade cultural, patrocina a pobreza, deixa a margem sujeitos que são considerados fracos, que por motivos diversos não tiveram oportunidades, por viver em uma sociedade excludente, embora venda a imagem oposta da que foi dita.

Com isso, quando nos apropriamos de quem nós somos, da nossa corporeidade, poderemos de forma ativa pensar e reconstruir uma sociedade que tenha como real objetivo trazer qualidade de vida para todos.

Nesse novo processo de conhecimento, a autoimagem ganha um outro significado, pois é junto a ela que vamos percebendo em como estamos nos relacionando com nós mesmos e com os outros, realizando um exercício de autoconhecimento durante nossa jornada.

A escola, por ser um espaço importante dentro da construção do social, junto à comunidade, pode ajudar no processo de ressignificação da sociedade. Não podemos deixar que a

pressão e os embates durante nossas vivências nos soterram, fazendo com que tenhamos vidas automáticas, precisamos cada vez mais nos conhecer e buscar formas que nos ajudem a não perder isso de vista. Nadar contra a correnteza é preciso se queremos viver em uma sociedade humanizada.

Ainda estou buscando e espero em breve poder contribuir dentro dos espaços escolares em que atuarei, refletindo e buscando, junto com os sujeitos, um processo de ensino aprendizagem que contemple a relação do aluno consigo mesmo, a percepção da autoimagem, o que ela diz sobre nós, as relações que estabelecemos com os outros e com o ambiente. Quanto maior nosso autoconhecimento, mas poderemos atuar de forma crítica e ativa em busca de nossos objetivos.

Pensando nessa nova forma de me enxergar e me relacionar na sociedade, uma questão não me saía da mente: enquanto construímos a autoimagem através das nossas vivências, vamos contribuindo e influenciando o processo dos sujeitos com quem nos relacionamos e, a partir dessa análise, me questiono: em qual medida eu contribuo no processo de criação da autoimagem de pessoas que sofrem de transtornos alimentares, são vítimas de transfobia, gordofobia, machismo, racismo ou homofobia? Opressões essas que operam ditando regras sociais construídas através da desigualdade e do poder na mão de poucos.

Percebo que para ter essa resposta preciso antes conhecer e perceber minhas nuances, sem perder de vista o poder da minha corporeidade na relação com o outro. A jornada é longa, mas dando um passo de cada vez, juntos podemos e devemos, de forma crítica e consciente, redescobrir o corpo, esse desconhecido.

7. Referências Bibliográficas.

AHLERT, Alвори. Corporeidade E Educação: O Corpo E Os Novos Paradigmas Da Complexidade. **Revista Iberoamericana de Educación**, [S. l.], v.56, n.1, p. 113-126, jan. 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3688120>>. Acesso em 22 out. 2017.

AMORIM, Kátia de Souza. Processos de significação no primeiro ano de vida. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 45-53, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/06.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

ANARUMA, Silvia Marina. A Representação do Corpo na Escola: Um Estudo de sua Evolução nos Três Níveis Escolares. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 2, n. 2, p. 04-09 jan/mar. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/2425>>. Acesso em: 22 out. 2017.

AULAGNIER, Piera. Nascimento de um corpo, origem de uma história. **Rev. Latinoam. Psicop. Fund.**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 9-45, set. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v2n3/1415-4714-rlpf-2-3-0009.pdf>>. Acesso em 22 out. 2017.

BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **Hist. cienc. saude-Manguinhos.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 547-554, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/19.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

BORBA, Mário Pereira; HENNIGEN, Inês. COMPOSIÇÕES DO CORPO PARA CONSUMOS: UMA REFLEXÃO INTERDISCIPLINAR SOBRE SUBJETIVIDADE. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 246-255, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3872>>. Acesso em: 22 out. 2017.

BUSS-SIMAO, Márcia et al. Corpo e infância: natureza e cultura em confronto. **Educação em Revista.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 151-168, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a08.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da. **O memorial autobiográfico**: uma tradição acadêmica do ensino superior no Brasil. 2012. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/14405>>. Acesso em: 22 out. 2017.

CROCHIK, José Leon. A corporificação da psique. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 27-41, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602000000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2017.

CUNHA, Lidenora de Araújo e MENDES, Bárbara Maria Macêdo. **A pesquisa narrativa no contexto da formação docente**. Anais do VI Encontro de Pesquisa Em Educação da Universidade Federal do Piauí. O pensamento Pedagógico na contemporaneidade, GT 01 – Formação de professores, Teresina, dezembro/ 2010.

EHRENBERG, Mônica Caldas. A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil. **Pro-Posições.**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 181-198, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v25n1/v25n1a10.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

GAYA, Adroaldo. A reinvenção dos corpos: por uma pedagogia da complexidade. **Sociologias.**, Porto Alegre, ano 8. n. 15, p. 250-272, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n15/a09v8n15.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

GONCALVES-SILVA, Luiza Lana et al. Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral. **Educação em Revista.**, Belo Horizonte, v. 32, n.1, p. 185-209, jan/mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00185.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTINS, Ernesto Candeias. A corporeidade na aprendizagem escolar (Entrelaços fenomenológicos do pensar e agir). **Educar em revista.**, Curitiba, n. 56, p. 163-180, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n56/0101-4358-er-56-00163.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

MASCIOLI, Suselaine Ap. Zaniolo. A corporeidade infantil edificada por tempos e espaços escolares. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.**, Araraquara, v. 7, n. 2, p. 155-164, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5400>>. Acesso em: 22 out. 2017.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Caligrama.**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 1-16, set. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/66201/68812>>. Acesso em: 22 out. 2017.

NÓBREGA, Teresinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 599-615, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n.4, p. 927-958. jan. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n4/05.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

PEREIRA, Lucia Helena Pena. Corpo e psique: da dissociação à unificação - algumas implicações na prática pedagógica. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 151-166, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n1/a11v34n1.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

PEREIRA, Lucia Helena Pena; BONFIM, Patrícia Vieira. A Corporeidade e o Sensível na Formação e Atuação Docente do Pedagogo. **Contexto & Educação.**, [S. l.], v. 21, n. 75, p. 45-68, jan/jun. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1109/866>>. Acesso em: 22 out. 2017.

RESENDE, Catarina et al. Que lugar para a corporeidade no cenário dos saberes e práticas psis? **Fractal: Revista de Psicologia.**, Rio de Janeiro, v 29, n. 2, p. 89-95, ago. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v29n2/1984-0292-fractal-29-02-00089.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandes. Educar e cuidar do corpo: biopolítica no atendimento à pequena infância. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v.26, n. 2, p. 117-134, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n2/a06v26n2.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.
SCHONS, Carmem Regina. Sociedade, corpo e relação subjetiva. **Acta Scientiarum. Language and Culture.**, Maringá, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 181-188, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/23112/pdf_73>. Acesso em: 22 out. 2017.

SILVA, Ariane Franco Lopes da. Corporeidade e representações sociais: agir e pensar a docência. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v.23, n. 3, p. 616-624, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n3/20.pdf>>. Acesso em 22 out. 2017.

SOARES, Antonina Mendes Feitosa e MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. Autobiografia e formação docente: caminhos e perspectivas para prática reflexiva. Anais do VI Encontro de Pesquisa Em Educação da Universidade Federal do Piauí. O pensamento Pedagógico na contemporaneidade, GT 01 – Formação de professores, Teresina, dezembro/ 2010.

VAZ, Alexandre Fernandez. Aspectos, contradições e mal-entendidos da educação do corpo e a infância. **Motrivivência.**, Florianópolis, n. 19, p. 1-7, jan. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/963/4332>>. Acesso em 22 out. 2017.

VIZEU CAMANGO, Brígido; JUSTO, Ana Maria; JODELET, Denise. Normas, representações sociais e práticas corporais. (Report). **Revista Interamericana de Psicologia.**, [S. l.], v. 44, n.3, p.449-457, set. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420658006>>. Acesso em 22 out. 2017.

ZANELLA, Andrisa Kemel; PERES, Lúcia Maria Vaz. No entrecruzamento de linguagens...: a arte e o corpo para pensar a educação e a formação do humano. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 68, p. 101-121, mar. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n68/1413-2478-rbedu-22-68-0101.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.